

São Paulo, vista de cima.

Alameida Lorena: Edifício "Flat St. Regis" de 19 andares. O edifício aluga apartamentos mobiliados com serviço: espécie de Eurotel de luxo. Embora tenha nome que quer evocar Londres, seu estilo evoca a Andaluzia. Aldeias mouriscas empilham uma sobre a outra, e isto dezoito vezes. No 19º andar, a Andaluzia cede o lugar ao paraíso tropical, tal como o sonhavam os burgueses europeus da Belle Époque: piscina, palmeiras, cadeiras de preguiça, bar servindo drinks, camareiro fardado de branco e ouro. Tudo isto em dimensões reduzidas, e em estado de ligeiro desleixo. Do parapeito que cerca o paraíso desvenda-se panorama de parte dos bairros residenciais de São Paulo. Tal panorama será o tema das reflexões seguintes. O propósito será o de tentar captar um aspecto do fenômeno "São Paulo". Por certo: o mesmo propósito pode ser visado, se a atenção fôr dirigida ao próprio edifício, em vez de ser dirigida edifício afóra. A colheita de tal análise seria rica: "alameida" sem árvores, nome inglês, estilo andaluz, hotel tipo "eurotel", tropicalismo ideológico, luxo levemente decadente, toda esta mistura de modelos importados, mal digeridos e mal aplicados, aliada à incompetente gentileza e sorridente irresponsabilidade dos empregados do hotel, tudo isto pode revelar um aspecto da essência da cidade. Mas resisto à tentação de optar pelo caminho fácil. Escolho o panorama, de análise mais difícil, porque confio na distância e na amplitude que a altura de 19 andares me proporciona. Lá, no topo do "St. Regis", ocupo o posto do voyeur, sem ter que fazer todas as ginásticas mentais que o recuo fenomenológico exige. Estou, espontaneamente, em São Paulo e fóra: estou entre aspas em São Paulo. E as aspas me são fornecidas pela arquitetura.

Ao ter subido ao 19º andar, neste mez de agosto, estou exposto a um vento fresco matinal que evoca o outono no sul da França, lugar no qual estou escrevendo este ensaio. Mas o vento, e o céu pálido azul acima da minha cabeça, enganam. Não apenas porque sei do calor húmido que me espera lá embaixo dentro de duas horas. Mas sobretudo porque vento e céu são desmentidos pela bruma ocre que cobre o horizonte da cena, bruma imóvel e ameaçadora. Sei que se trata de poluição, mas não preciso de tal saber para constatar de que fenômeno meteorológico se trata: a imobilidade e côr da bruma são eloquentes. É a própria cidade que se cerca, desta maneira, de muro opaco, de muro nebuloso, para não permitir que a realidade lá fóra a perturbe. Cidade-fortaleza. Cidade sitiada pelas suas próprias emanções, pelos seus próprios excrementos.

Mas que fortaleza gigantesca. O panorama é amplo, mas cobre apenas um dos seus setores. O setor é limitado, de um lado, pela elevação coroada de edifícios que sei formarem a avenida Paulista, e que me impede ver o centro da cidade e os seus bairros intermináveis do outro lado. E, em todos os demais lados, o terreno construído avança para dentro da bruma e se perde nela. Mesmo se não o soubesse, vejo que estou contemplando uma das maiores aglomerações humanas do mundo. "Aglomeração" é o termo justo. Por uma vez a terminologia burocrática é adequada: o que estou vendo é de fato um aglomerado. Coleção de elementos colados um ao outro. Nada há de orgânico, de crescido, de vegetal na cena que estou contemplando. Tudo nela tem aspecto de massa inorgânica, inclusive a vegetação que transparece.

À primeira vista, o mar de edifícios, casas, casebres, terrenos baldios, fábricas, armazens e pontes que vejo parece produto do acaso. Como se mão gigantesca tivesse lançado tais elementos díspares sobre a paisagem. Mas sob inspeção mais atenta, a distribuição desordenada e caótica dos elementos vai se revelando produto de projetos deliberados, mas não coordenados. Tal inspeção mais atenta me é facilitada pelos slides que meu amigo Milton Vargas fez da cena. Constatado que os projetos produtores da aglomeração se cruzam e se cancelam mutuamente em dois níveis distintos. No primeiro nível, no da diacronia, projetos mais recentes cruzam e anulam projetos anteriores. No segundo nível, projetos simultâneos se combatem. O caos que estou contemplando é composto de várias ordens que se entredorram. E, ao constatar isto, o fenômeno começa a desvendar-se.

A cidade que estou contemplando é a-histórica em sentido radical de tal termo. Devora seu passado, afim de anulá-lo. Destroi deliberadamente a sua memória, nega deliberadamente as suas origens. Apaga os vestígios dos séculos e dos decênios, afim de ser sempre nova e irreconhecível. Afim de ser sempre inhabitual para quem a habita. Mas o resultado de tal vontade gigantesca anti-histórica é curioso. Por certo: torna a cidade inhabitável no significado exato do termo, e tal inhabitabilidade é o propósito de todo anti-historicismo. Mas o segundo propósito do projeto anti-historicista é o de abrir campo à vida aventureira: aonde nada é habitual, tudo é surpreendente. Pois este segundo propósito, a cidade não o alcança. A ausência de ordem na cidade é tamanha, o "ruído" no sentido informático e literal é tão grande, que nada nela surpreende. O próprio ruído passa a ser redundante. A vida, longe de ser aventureira, passa a ser monótona, embora se trate de monotonia barulhenta. A história é substituída, não por abertura rumo a um futuro imprevisível, mas por presente frenético que gira em ponto morto. O propósito do anti-historicismo é o de inverter o fluxo do tempo, e fazer com que o futuro advenha. Pois São Paulo conseguiu barrar o fluxo do tempo que advém do passado, mas constituiu-se em barragem do tempo, em presente murado.

Mas a cidade não é apenas anti-histórica: ela é também anti-consexual, anti-social, é anti-comunidade. Isto parece contradição de termos: cidade enquanto anti-comunidade. "Cidade" não será tradução de "polis", isto é: espaço político, espaço do consenso? Pois São Paulo é prova que pode haver cidade anti-política, oposta ao diálogo estabelecedor de normas. Não é "megalópolis", é "megalooike". Não enorme praça pública, mas enorme copa e cosinha. O que estou contemplando do meu 19º andar são projetos privados que se chocam com outros projetos privados. A luta de todos contra todos. Não conjunto, mas arquipélago de vontades, isoladas uma da outra. Por certo: há regras que ordenam tal jogo de projetos em contenda. A cena revela traços de "planejamento urbano". Mas tais regras não formam o suporte da construção, não sustentam a cidade. São regras impostas de cima, podam a selva. A cidade não vai surgindo das regras, vai se chocando contra elas. As regras não são consenso, mas imposição externa. O que vejo não é "democracia", mas individualismo refreado.

Na cena que estou contemplando distingo favelas, sobretudo à beira do rio Pinheiros. Mas tais favelas não destoam: acentuam. Se defino "favela" como

aglomeração urbana produzida por projetos individuais não coordenados, e posteriormente reprimidos por regras impostas de fóra, a cidade toda é favela. Ou, mutatis mutandis: as favelas tornam visível a essência de São Paulo toda. E isto explica, de golpe, o clima de provisoriidade, de acampamento, que emana da cidade. Não seria muito surpreendente se os paulistanos decidessem, de noite para o dia, de levantar campo e erigir suas tendas alhures. Cidade anti-histórica e anti-política é isto: lugar de passagem em migração, não morada. O apaixonante nisto não é o fenômeno em si: é o seu tamanho. Acampamentos existem em toda parte, mas não acampamentos de mais de dez milhões de pessoas.

É pois o tamanho que é o problema central na tentativa da captação do fenômeno São Paulo. Tamanho não é apenas questão de quantidade. É categoria qualitativa. Em acampamento de mais de dez milhões de pessoas a provisoriidade dá o salto qualitativo para a permanência: acampamento de tal tamanho não pode ser levantado. O que o caracteriza é sua provisoriidade permanente. Por isto se trata de gigantismo "sui generis": grandeza sem monumentalidade. Tudo nesse colosso que é São Paulo parece pequeno, mesmo se fôr "objetivamente" grande. E, curiosamente, tudo nele parece velho, mesmo se fôr objetivamente recente. Os maiores edifícios já são pequenos, se comparados com os edifícios em construção ao lado. E isto até quando as construções estão paradas, como o são atualmente. E as obras mais recentes já parecem ultrapassadas, se comparadas com o que está se projetando. Não conheço lugar no mundo, aonde as coisas envelheçam mais depressa. Talvez porque, aonde nada é antigo, tudo é velho. Mas sobretudo porque aonde nada é permanente, tudo está ultrapassado no momento mesmo que surge.

São Paulo é cidade que não pode ser contemplada sem o recurso a comparações com outras cidades. A razão disto não é, como muitos acreditam, por faltarlhe "personalidade" que possa ser captada isoladamente. A razão é que São Paulo é um aglomerado de modelos trazidos de fora. Já mencionei o modelo inglês, andaluz e tropicalista que se amalgamam no edifício em cujo topo me encontro. Captar a essência de São Paulo é recorrer à origem de tais modelos. Pois a comparação que se impõe é com cidades norte-americanas. Não apenas superficialmente: as cidades norte-americanas sofrem do mesmo "síndrome sangeminiano" do qual sofre São Paulo: inflação de torres. Mas sobretudo porque as cidades norte-americanas, elas também, importam seus modelos, e o fazem de maneira mais violenta ainda. Quem passeia por rua novaiorquina ou bostoniana vai passar por castelo gótico ladeado de templo iônico e de casa de campo edwardiana. Pois tal comparação vai salientar a diferença fundamental entre cidade norte-americana e São Paulo: não se trata de assimilar modelos importados a uma estrutura pré-existente, mas de amalgamar modelos um com o outro.

O que vejo ao contemplar a cena aos meus pés é amálgama de modelos. Quando afirmei que São Paulo toda é favela, esqueci deliberadamente a miserabilidade da favela. Os bairros residencias que vejo são tudo menos miseráveis. São abastados, e contêm residências luxuosas. No sentido no qual é luxuoso o edifício no qual me encontro. O fato que tais bairros sejam visinhos das favelas miseráveis é prova adicional do caráter anti-social da cidade. Pois as casas que compõem

tais bairros formam espécie de memória de segunda mão da história da humanidade: chale suíço, templo egípcio, pagoda chinesa, mesquita persa, casa de campo normanda, Bauhaus, Art nouveau, renascimento florentino. Não apenas a casa, o jardim também imita os modelos: pinheiros alpinos, papiros, jardim Zen, oasis, parque fraquez, ciprestes toscanos. Muitas de tais casas deixaram de ser residências, e passaram a ser escritórios, quando são feéricamente iluminados de noite. Acresce-se que tais residências transformadas em escritórios utilizam seus jardins como estacionamentos de carros de modelo americano, alemão, japonês e italiano. Pois tal amálgama não pode ser julgado simplesmente Kitsch, característico de Nouveaux Riches no mundo inteiro. Exige análise mais atenta.

Os bairros residenciais, (e, em parte, os edifícios no que pode ser vagamente considerado "centro"), são a resposta individual ao caráter coletivamente anti-historicista da cidade. São o esforço de conjurar um passado, por certo não passado real, mas passado projetado. Quem mora em chale suíço ou templo egípcio não rememora raízes alpinas ou nilóticas, mas fabrica passado imaginário, afim de dar sentido ao presente e ao futuro. Isto é o oposto daquilo que se dá em cidade norte-americana. Quem constroi castelo gótico na Quarta Avenida está proclamando: "minhas raízes estão na Europa, e será aqui que darão seus frutos". Quem constroi um Karnak em miniatura no Jardim America está proclamando: "estou no além da história, não sou responsável por ela, e posso conjurá-la quando, aonde e como bem entendo". O Kitsch é o mesmo, mas a mensagem que carrega é outra. Por isto é incebível que se transfira, pedra por pedra, mosteiro dos Pirineus para o Ibirapuera, como aconteceu com Cloisters. A Casa de Chá no Ibirapuera não se quer "autêntica", se quer "made on such stuff dreams are made on".

Tal caráter onírico, fantasmagórico, em suma "alienado", dos modelos amalgamados distingue pois radicalmente São Paulo das cidades norte-americanas. Os modelos não se apoiam sobre a realidade, impõem-se sobre ela. Será que o mesmo acontece nas cidades novas africanas? Ao contemplar a cena, estarei vendo fenômeno comparável com Lagos ou Kinshasa? Não conheço tais cidades, mas suspeito que a comparação é falha. Suspeito que as cidades africanas são movidas por vontade violenta de vingar-se dos colonizadores. Os modelos ocidentais vão sendo roubados, para serem tornados contra os seus autores. Nada disto é vivenciável em São Paulo. Por certo: a aglomeração de Kitsch com miséria contra um pano de fundo de natureza tropical destruída deve fazer com que Lagos e São Paulo se pareçam. Mas o espírito por detraz disto deve ser inteiramente diferente. Em Lagos é o espírito da revolta. Em São Paulo o espírito da busca de identidade, de dignidade humana. E ao dizer isto, estou me aproximando, creio, da essência dessa cidade inacreditável.

O que estou vendo, do meu 19º andar, é sonho. Por certo: tal como se apresenta, é pesadelo. As brumas de poluição em seu torno o provam. Mas, por detraz do pesadelo, vislumbro os contornos de outro sonho, desfigurado provisoriamente em pesadelo. O sonho de uma sociedade desimpedida do fardo da história, desse fardo de crimes incontáveis, de sociedade de gente livre. Sociedade como jamais existiu. Sociedade que persiga seus projetos individuais, tendo recurso

5

a todos os modelos disponíveis. Sociedade que se submeta a um mínimo necessário de regras, regras estas a serem constantemente empurradas rumo ao horizonte aberto. Sociedade cujas raízes não estão no tempo e no espaço, mas no espírito humano. Sociedade que se pode permitir a desprezar a natureza na qual vive, e a cultura da qual é herdeira, porque sociedade emancipada das condições materiais e valorativas. Por detrás do pesadelo que vejo sinto tal sonho impossível. Sinto-o, não apenas na paisagem que contemplo, mas sobretudo nos rostos dos que me cercam. Tais rostos não seriam possíveis, se o pesadelo fosse o fenômeno todo. Em tal caso os rostos seriam os de sombras que habitam o Orcus. São, pelo contrário, rostos de quem espera, (com paciência em vias de esgotar-se), o advento do sonho.

O que estou vendo, do meu 19º andar, é a tentativa do espírito humano de impôr-se sobre a sua condição, de vencê-la e transcendê-la. Daí o desprezo total da cidade pela circunstância geográfica e histórica na qual se encontra. Vejo também a derrota que o espírito humano sofreu ao tentar tal tarefa titânica, de antemão condenada. Mas haverá algo mais empolgante que o espírito humano em sua tentativa vã de emancipar-se? Por isto o que vejo não pode ser "feio", como parece sê-lo. Por detrás da feiura da derrota esconde-se a beleza da tentativa. Com todo o horror que a cena causa, não é possível não amá-la.